

AS REARTICULAÇÕES DE SOCIABILIDADE DECORRENTES DE MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

Parry Scott

Professor de Antropologia da Universidade Federal
de Pernambuco (UFPE).

Mariama Vicente

Bacharel em Ciências Sociais da Universidade
Federal de Pernambuco (UFPE).

Leonardo Nóbrega

Doutorando em Sociologia no Instituto de Estudos
Sociais do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio
de Janeiro (IUPERJ).

Rafael Acioly

Bacharel em Ciências Sociais da UFPE, Mestre em
Antropologia Universidade Federal de Pernambuco
(UFPE).

Resumo:

Quatro conjuntos de parentes em migrações internacionais são examinados enfatizando qualidades de sociabilidade entre gêneros, gerações e grupos identitários, com entrevistas feitas no Recife. Realçam-se articulações de *grupos de mulheres* para enquadrarem o ato migratório na rede de relações estabelecidas femininas. Investigam-se redefinições de *relações hierárquicas entre gerações* com intensa negociação sobre autonomia emocional e financeira para jovens. Mostra contrastes marcados de *identidade*, adesões a práticas e lealdades em realidades internacionais históricas e geográficas circunscritas. Argumenta que os parâmetros para entender a complexidade de migrações internacionais são multifacetados e mostram a (re)construção de obrigações, direitos e lealdades na rearticulação entre intimidades de sociabilidade entre parentes e estruturas sociopolíticas contextuais.

Palavras-chave: Migrações. Sociabilidade. Genealogia. Mulheres.

REORGANIZING SOCIABILITIES THROUGH INTERNATIONAL MIGRATION

Abstract:

This study uses genealogical interviews done in Recife to examine how four kin-related groups of participants in international migration have been affected in their qualities of gender, generation and identity group sociability in that international mobility context. The rearrangements of relations between groups of women are understood in migratory events that make up part of a network of relations

established between women. The redefinition of hierarchical relations between generations are seen as part of a search for emotional and financial autonomy for the young. It highlights different identity markers as it discusses adherence to and practices of differing loyalties to circumscribed historical and geographic realities. It argues that parameters for understanding migration are complex and multifaceted and show the (re)construction of obligations, rights, and loyalties re-articulating the relation between the intimacy of sociability among relatives, and the insertion in contextual sociopolitical structures.

Keywords: Migration. Sociability. Genealogy. Women.

Introdução

O uso da metodologia de genealogia com redes de parentes, onde há ocorrências de migrações internacionais, fornece um ambiente propício para a compreensão das influências da mobilidade internacional sobre a tessitura da sociabilidade nestas próprias redes. Dados de pesquisas obtidos com quatro informantes no Recife, que têm redes de parentes com pelo menos uma ocorrência de migração internacional, permitem a elaboração de caracterizações de qualidades de sociabilidade entre gêneros, gerações e grupos identitários geograficamente situados, estabelecidas com a mobilidade dos integrantes.

A mobilidade internacional representa uma vitrine específica para observar os efeitos da mobilidade sobre as redes familiares, de parentesco e de amizades, já que uma decisão de transnacionalizar a mobilidade introduz fatores que diferenciam esta experiência das demais de migração não transnacional que comumente ocorrem nas redes de parentesco.

Para aprofundar a discussão, a equipe de pesquisa *A Família no Meio do Mundo*¹ selecionou quatro casos de conjuntos de parentes migrados nas genealogias construídas. Esta pesquisa trabalha com a noção de que as famílias, os parentes e os amigos conseguem articular uma continuidade das suas relações de sociabilidade diante da realidade de mobilidade, e é na constituição desta sociabilidade que se explica grande parte da lógica dos atos de migrar e da sua relação com as estruturas socioeconômicas que os sustentam ou que os estimulam.

Genealogias e Migrações na ótica de redes de parentesco: encapsulando cem anos

Há muito tempo os antropólogos reconhecem que as genealogias mais completas se fazem com as pessoas mais velhas, realidade que toma forma para os brasileiros com a

¹ Com apoio de CNPq.

declaração de Barros (1987), na qual ressalta que a autoridade e o afeto de gerações mais velhas se constroem em virtude do fato de que a sua memória abarca minimamente cinco gerações sobre as quais se pode contar de memória pessoal.

As nossas genealogias foram realizadas com mulheres de entre 45 e 75 anos. Por pertencerem a faixas etárias bem distintas, não há muita homogeneidade no que concerne à sua capacidade ou referência temporal de memória. Uma genealogia abrange muitos níveis de relacionamentos sobre os quais se tenha algum conhecimento íntimo (especialmente quando mais proximamente relacionado ao informante). Partindo da lógica de parentesco e de família, as referências geográficas com fronteiras nacionais, estaduais e municipais, tão usadas na construção de fluxos mensuráveis por estatísticas de agências do Estado, diluem-se, e cria-se uma série de nódulos de referência a partir da localização de conjuntos de parentes. Embora não se tenha intenção de recriar as histórias específicas de migrações com estes dados, ressalta-se que os eventos migratórios (intermunicipais, interestaduais, inter-regionais e internacionais) ganham especificidades que permitiriam uma reconstrução destas transformações com a passagem de tempo.

Os relatos ouvidos passam de detalhamentos intensos sobre os significados das relações ocorridos em casos muito próximos e bem conhecidos de migrações, para declarações normativas gerais sobre deveres de certas qualidades de parentes, próximos ou distantes. De todo modo, coletado em meio de uma multiplicidade de relações entre parentes, o que conta sobre a migração é um relato que dá mais destaque às obrigações e direitos de parentesco do que às obrigações e aos direitos estabelecidos em legislações e locais específicos. Como a migração internacional de brasileiros, salvo algumas exceções, concentra-se nas gerações mais recentes, será sobre essas últimas que recairá o foco.

A decisão de procurar uma informante para fazer a genealogia fez com que fosse possível identificar, sempre, uma “casa de referência” para a construção da rede de parentesco. É em torno desta casa que boa parte da análise gira, pois são as percepções das informantes “pivôs” destas redes sobre as relações entre as gerações, sobre a importância de casas originárias (que serviam de referência na infância e juventude das informantes), da importância das suas próprias casas e dos seus parentes mais próximos e mais distantes, e da criação de “novas casas de referência” que informam a construção do significado das migrações. Pina Cabral (2003) usou quatro casas de referência numa excelente recomposição da realidade de

parentesco e de migração no Norte de Portugal. Como o foco aqui é diferente – é na dispersão e na recriação de redes solidárias entre migrantes jovens e não migrantes –, será dada menos atenção às especificidades do Recife, e mais à composição das relações observadas. Estudos como os reunidos pela Comissão Nacional de População e Desenvolvimento - CNPD (CASTRO, 2001), em Fonseca (2007) e em Martes e Fleischer (2003) já deram algumas contribuições importantes para a compreensão deste fenômeno e sustentam parte da nossa compreensão, todavia, não tiram a importância de estudos como o de Pina Cabral (2003), que continuam servindo para reforçar e estabelecer comparações com algumas das interpretações apresentadas aqui, e que vem sendo refinados pelo Grupo de Estudos sobre Migrações da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Grupo de Estudos sobre Migração e Sociedade da Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj) e pela coleção de Cadernos da OBmigra (2015).

Apenas para exemplificar a quantidade de informações provenientes de uma única genealogia, usaremos os dados de uma das redes de parentesco investigadas por nossa equipe. A informante, de 63 anos, entre os quase 300 parentes, reconhece 272 pelo nome, e conta muitos detalhes sobre os mais próximos: o pai e a mãe, 16 tios *consanguíneos*, os dois filhos, 46 primos de primeiro grau, 20 sobrinhos, e relata ainda alguma coisa sobre os avós, e os sobrinhos netos, bem como sobre os cônjuges dos diversos parentes consanguíneos. Há uma casa de referência num município do interior de Paraíba, e outros conjuntos de parentes nucleados em Campina Grande e Recife e também no Rio de Janeiro e Brasília. O número de eventos migratórios termina sendo enorme, a depender do tipo de mobilidade que se identifica como migração. No meio de todas as relações, há muitas viagens e afinidades com países estrangeiros relatados: há uma tia que casou com um inglês e mora na Inglaterra, talvez com alguns filhos; uma sobrinha adotiva que foi re-adotada na Suíça; um sobrinho que foi junto com a esposa trabalhar nos Estados Unidos, deixando os filhos, após o fracasso de uma empresa de exportação; uma sobrinha que levou os dois filhos para Austrália, acompanhando a transferência e promoção do marido que trabalha numa empresa transnacional; e uma outra sobrinha, que encontrou um marido italiano numa viagem e foi morar na Suíça.

Então, ao tratar de quatro genealogias, trata-se, de fato, de mais de um milhar de relações de parentesco (ver BARNARD; GOOD 1984), mas, no caso deste trabalho, centraremos a atenção em apenas um caso de cada uma das quatro genealogias.

Os quatro casos

A escolha de quatro casos de migração internacional foi intencional, dada a qualidade de informações coletadas sobre cada caso, e o fato de a migração ser a mais recente no conjunto daquelas identificadas nas redes de parentesco investigadas. A seguir, apresentam-se as características principais de cada caso, deixando que os detalhes apareçam nos desdobramentos elaborados nos itens sobre a articulação feminina, a autonomia e individualização juvenis e as rearticulações das redes para a compreensão da relação entre direitos e obrigações de família e parentesco e de contextos internacionais jurídicos e políticos:

a) *Lea* é a irmã da entrevistada e, quando tinha em torno de vinte e cinco anos, foi para Portugal. Viajou junto com o marido, angolano fugido da guerra civil, com longa vivência no Rio de Janeiro e depois em Recife, e com quem tinha três filhas novas. Ele havia ficado desempregado e viajou na frente para reunificar-se com os pais em Portugal. Foi seguido por Lea, seis meses mais tarde, levando as três filhas com ela. Ficaram morando com os sogros dela.

b) *Ruth* é sobrinha de outra entrevistada. Foi morar na Alemanha a convite da sua irmã mais velha, que já havia estabelecido uma residência na Alemanha, primeiro com um alemão que conheceu quando foi estudar a língua naquele país, e depois, com outro, após a separação. Quando a irmã chamou, Ruth tinha entre vinte e cinco e trinta anos, e a informante disse que ela também foi aprender alemão. Terminou ficando, morando com um alemão com quem teve um filho.

c) *Samantha* é sobrinha de outra entrevistada. Com aproximadamente vinte e cinco anos ela foi morar na Suíça, após se casar com um estudante italiano que conheceu numa visita a Austrália, durante uma temporada em que ela estava passeando e, eventualmente, ajudando a cuidar dos filhos da prima. Namoraram na Austrália e decidiram se casar e morar perto dos pais dele, numa cidade pequena na Suíça.

d) *Maria* é nora e mãe de três netas de outra informante. Os três filhos dela continuaram morando na casa da ex-sogra, mesmo após a separação do seu marido, filho da informante, que retornou à casa da mãe. Após passar uns três anos entre subempregos e desempregos, Maria, com aproximadamente trinta anos, aceitou o convite do seu irmão, que vivia na Espanha, para mudar-se para lá, onde ela vive fazendo serviços domésticos, faxina e limpando barcos.

Em todos os casos trata-se de migrações femininas. Sem contar com as gerações anteriores, as entrevistas com as quatro informantes principais das genealogias identificaram oito migrações internacionais femininas e duas migrações masculinas (excluindo as três filhas que foram levadas por Lea e um casal de filhos levado pela prima de Samantha). As migrações internacionais são muito mais esparsas e inexpressivas entre as gerações ascendentes. Esta tendência de feminilização das migrações internacionais já foi reportada por vários autores (ANTHIAS, 2000; ARANGO, 2007; SCOTT, 2004; PISCITELLI, 2008), e, sem dúvida, associa-se à ascensão do movimento feminista, tanto no trabalho feminino quanto no ganho de autonomia global em esferas públicas, nas mais diversas sociedades. Se antigamente a mobilidade masculina de longas distâncias foi um elemento associado ao risco e aos perigos e o aventurar-se acrescia prestígio aos homens, a queda de tabus de mobilidade permitiu que as mulheres ocupassem estes espaços, mesmo que se evidencie uma diferenciação nos significados atribuídos a essas migrações. Um exemplo disso é a criação de imagens da importância do mercado de sexo², que ocupa uma parte reduzida da porcentagem de migrações, e que recebe uma quantidade desproporcional de atenção na compreensão da migração feminina.

A variedade de destinos se relaciona tanto ao fato de que se procuraram pessoas em genealogias “com alguém com experiência de migração internacional”, sem especificar destinos, quanto ao fato de não haver um fluxo migratório internacional fortemente preferencial que predomina entre recifenses. Assim, além de Portugal, Espanha, Suíça e Alemanha, nas quatro redes de parentesco houve migrações para Itália, Inglaterra, Austrália, El Salvador e Estados Unidos, confirmando a dispersão de destinos. Sabe-se que os brasileiros, como quaisquer outros migrantes, residem, com frequência, em comunidades de imigrantes no exterior, e isto constitui uma das formas de adaptação e articulação no novo ambiente da maior importância para os migrantes. A *adesão identitária* ao país do destino é um elemento da maior importância para as rearticulações de sociabilidade, mas a ênfase, aqui, recai na articulação entre mulheres e na procura de autonomia e individuação de jovens migrantes e suas implicações para as relações entre as gerações numa trama de redes de parentesco – antes de comentar qualquer coisa sistemática sobre as leis e obrigações que fazem com que circulação entre países não seja uma coisa tão livre assim.

² Para um olhar mais aprofundado na direção do tráfico de mulheres para o mercado internacional do sexo, ver *Cadernos Pagu*, v. 31, 2008 e v. 25, 2005.

A articulação feminina

Em cada um dos casos investigados, percebem-se as articulações que grupos de mulheres realizam para enquadrar o ato migratório na rede de relações estabelecidas em torno dos informantes da pesquisa, realçando os seus esforços de simbolizar o evento como fazendo parte da rede existente, mesmo quando se reconhece a individualidade dos participantes e dos seus direitos nessa rede e nos contextos para onde migram. Essa atividade de caráter feminino tem como principais características a realização em condições que permitem a execução de projetos migratórios, que também podem ter recebido influência da rede de parentesco em seu planejamento.

Numa análise da migração rural/urbana entre a década de 1930 e a década de 1960, Eunice Durham (1973) observa, entre os grupos migrantes, que a rede de relações mais importante para o projeto de migração está no parentesco, pois esta rede oferece o apoio financeiro e emocional para os que migram primeiro, bem como o preparo para os que migram em seguida. É nelas que se avalia a oportunidade para a continuação das migrações ou para um eventual retorno. Mas o que mais chama atenção é que, geralmente, cabe às mulheres a manutenção dos vínculos familiares, mesmo diante de uma separação espacial. “São as mães que ‘não trabalham fora’, que iniciam e mantêm as relações de parentesco e vizinhança, nas quais maridos e filhos solteiros participam, por assim dizer, por intermédio das mulheres” (DURHAM, 1973, p. 208). Daí um primeiro esforço em buscar com as mulheres de meia idade informações sobre suas redes de parentesco.

A ligação feminina com a esfera privada relacionada principalmente ao cuidado oferece uma das caracterizações mais expressivas dessa atuação. Dessa forma, destacam-se como possíveis atuações desses grupos de mulheres a atividade de cuidar dos que não puderam ir imediatamente, das crianças que não podem se aventurar numa tentativa de migração ilegal ou insegura, dos bens que não puderam ser levados ou vendidos, ou mesmo a busca por recursos para que a migração possa ser concretizada.

Dentre os casos selecionados por nossa equipe, é possível observar articulações que envolvem mulheres que permitiram que a migração fosse realizada. Podemos destacar o acolhimento de Lea e suas filhas por sua irmã e sua sogra em Portugal; a peregrinação de Samantha se aproveitando das oportunidades oferecidas por sua tia, seu tio e sua prima; a

possibilidade de migrar oferecida pela sogra de Maria, ao assumir os cuidados com os filhos; e a oportunidade oferecida à Ruth por sua irmã de morar na Alemanha.

Para fins de exposição, dividem-se em dois focos mais amplos os exemplos de atuações levantados pelos casos selecionados. Primeiro, analisa-se a geração de oportunidades de migração, que, mesmo não sendo todas de origem feminina, despertaram a articulação de mulheres para sua realização. Em seguida, aborda-se a geração de possibilidades que giram muito mais em torno do cuidado e de uma atuação ainda mais efetivamente feminina.

Lea e Maria foram para a Península Ibérica por intermédio de homens. A primeira, para acompanhar o marido na busca por um trabalho e melhores condições de vida para sua família. A partida dele para Portugal seis meses antes, para organizar tudo antes da viagem de Lea com as três filhas do casal, intensificou a criação da rede de apoio feminino. Maria, por sua vez, aceitou o convite de seu irmão, que já estava na Espanha fazia alguns anos, que lhe oferecia uma oportunidade de trabalho. Ruth segue uma irmã, que, em virtude do casamento, estabelecera-se na Alemanha. Samantha, por fim, faz uma peregrinação em busca de investir em seus estudos, através das oportunidades oferecidas por uma tia no Recife, por um tio em Brasília e por uma prima em Joinville e na Austrália, mas sua última mobilidade estabelece mesmo como uma migrante, ao casar-se com um italiano radicado na Suíça.

Gláucia Assis (2003), em sua investigação acerca das migrações entre Criciúma e os Estados Unidos, percebe que mulheres geralmente migram acompanhadas de um membro da família, enquanto homens migram muito mais na companhia de amigos. Embora Lea tenha sido a única a migrar realmente na companhia de familiares, no caso, suas três filhas, todas as demais migrantes tiveram por destino o encontro com um parente. As motivações da migração variam entre a continuidade do casamento, como é o caso de Lea; a busca por um trabalho, como é o caso de Maria; ou mesmo por passeio, como coincidem as idas de Samantha para a Austrália e de Ruth para a Alemanha. Observa-se, portanto, assim, como apontam estudiosos de migrações internas e internacionais, que a decisão de para onde ir sofre influência da família, no sentido de que ter alguém, um amigo ou um parente, no destino possibilita uma adaptação menos conturbada, uma vez que quem primeiro se aventurou já desenvolveu conhecimento suficiente para auxiliar nesta adequação (DURHAM, 1973; FUSCO, 2001; ASSIS, 2003).

Tomada a decisão de migrar, escolhido o lugar de destino, resta a organização do que é necessário para efetivar a migração. Aqui é um lugar de atuação propícia das redes de mulheres. Observemos caso a caso.

As necessidades financeiras levam Lea e seu marido a considerarem a hipótese de procura, em Portugal, junto aos familiares dele, de uma oportunidade econômica mais favorável. Decidem que ele vai primeiro, para que organize a chegada da esposa e das três filhas. Elas, por sua vez, são abrigadas pela irmã de Lea durante seis meses, quando finalmente viajam. Em Portugal, a família morou na casa dos sogros de Lea ao longo de mais de um ano, e sua sogra tratava de conformá-las aos costumes do país. Lea e suas filhas estiveram no cerne de uma rede de mulheres que se estende desde o Brasil, cujo apoio foi dado pela irmã de Lea, até Portugal, quando sua sogra se põe na posição de auxiliá-la no processo de adaptação àquele país. Os conflitos que surgiram nessa configuração final, gerado pelo excesso de rigor da avó para com as meninas, só foram sanados quando Lea e a família se mudaram para um apartamento. Ainda assim, a rede foi acionada mais uma vez com a morte do marido de Lea, que motivou os pais dele a se mudarem para mais perto dela (e das netas), a fim de oferecer um suporte maior.

Embora o irmão de Maria tenha sido seu passaporte para a Espanha, o apoio de sua ex-sogra foi essencial, uma vez que ela se disponibilizou para cuidar, com a ajuda do pai das crianças, dos filhos de Maria. As duas mulheres dividem entre si a responsabilidade de educar os três filhos de Maria, e para isso se utilizam de uma comunicação aberta e constante. Embora tal relação não esteja livre de conflitos, é muito clara a disponibilidade da avó em manter os laços afetivos entre mãe e filhos muito bem “atados”.

A transferência do cuidado com os filhos da migrante para uma outra mulher de sua rede, seja para sua mãe, sua tia, ou sua sogra, é, talvez, a articulação mais delicada. Como apontam o exemplo de Lea e de Maria: a primeira, que parece ser substituída pela sogra mesmo em sua presença; e a segunda, que delega à sogra a tarefa de educar de perto seus próprios filhos enquanto ela está muito distante dali. No caso de Maria, o reconhecimento da individualidade da migrante que parte em busca de melhores condições de vida para si e para seus filhos e, para tanto, deixa-os em seu local de origem, poderia ter gerado a quebra da sua posição na rede de parentesco, já iniciada pelo divórcio do pai das crianças. Mas o interesse de ambas as mulheres em manter a posição de Maria como mãe e da avó como avó, permitiu também a manutenção da migrante como parte

da rede, através da manutenção simbólica da sua presença junto aos seus filhos, por intermédio das possibilidades tecnológicas oferecidas pelos meios de comunicação, como o telefone e a Internet.

Samantha, vista pelos seus familiares como necessitando de especial atenção, recebe destes apoios dos mais diversos para um maior desenvolvimento pessoal. Foi acolhida por uma tia em Recife, para o propósito de investir em sua educação. Migrou para Brasília, para a casa de um tio, que permitiu que ela tomasse mais a sério o estudo e alcançasse um curso superior. Ainda na casa do tio, desenvolveu uma forte amizade com uma prima que a levou para uma temporada em Joinville e outra na Austrália. Na Austrália, os cuidados que ela ofereceu aos filhos de sua prima permitiram que ela continuasse na companhia daquela família, até que conheceu um parceiro, casou-se e mudou-se para Suíça com ele.

Como já mencionado, é interessante notar que mesmo os casos em que homens iniciaram a migração ou ofereceram apoio, observa-se que eles despertaram a atuação de uma rede feminina, pois o cuidado é uma atividade legada à mulher. Outro fator que merece ser repetido é que todos os casos apontados tratam de migração feminina, o que aponta para a continuidade das redes já existentes.

Autonomia e solidariedade familiar entre gerações

Um conjunto de estudos recentes sobre ciclos, cursos e trajetórias de vidas de jovens (DALSGAARD, FRANCH, SCOTT, 2008; FRANCH, 2008; MÜLLER, 2008; TAVARES, 2009), revisam a literatura sobre juventude e se posicionam contrários a tratamentos lineares que super valorizam sequências e transições que se referem a um modelo idealizado que há anos orienta muito que se pensa sobre juventude. É importante ressaltar que a oposição é à ideia da linearidade e não à ideia de transição. Muito ao contrário, há uma valorização de simbolizações hierarquizadas de desenvolvimento humano, mesmo que tais hierarquizações possam sofrer inversões valorativas. Para exemplificar, a adulta que se valoriza pela sua jovialidade se vangloria não somente de ser adulta, mas também por ter um espírito e aparência de jovem. Não desmonta a valorização de ser adulto, e acresce a ele significados que são valorizados pelo consumo. Também reconhece a possibilidade de diálogos intergeracionais que permitem uma busca subjetiva de positividade na redefinição dos seus antecedentes temporais (ou seja, entre outras coisas, fugir da valorização negativa do envelhecimento). A queda de

modelos idealizados de família e a flexibilização da vivência da esfera familiar, moral e legalmente, favorecem muito menos a ideia de um curso ou trajetória a serem vividos (THERBORN, 2006). Estas considerações se tornam muito relevantes para a compreensão dos padrões diversos de migrações internacionais no que diz respeito à construção da ideia de juventude, autonomia e solidariedade familiar.

Ao focalizar a moradia na sua contribuição ao fenômeno da aquisição de conhecimento e habilidades para jovens, Scott e Franch (2005) identificaram cinco interseções que fazem parte da criação de *um pedaço* de sociabilidade – nos termos de Magnani (1998) – que podem ser entendidas como compondo esferas simbólicas de construção do ser jovem e do ser adulto: a) *família e residência* (a escolha residencial entre a casa de origem e uma nova residência e as suas implicações sobre a densidade de contatos de diferentes redes sociais na construção da família, relacionada ou não com decisões matrimoniais); b) *gênero* (a adesão a uma identidade de gênero ordena ações preferenciais que, mesmo estando em transformação, inserem as pessoas em tramas hierarquizadas de divisões de atividades); c) *estudo e trabalho* (as expectativas do rendimento dessas duas atividades para a sustentabilidade de um padrão de vida almejado pelas pessoas); d) *recreação e segurança* (o lugar da busca de interação social prazerosa e estimulante que envolve enfrentar riscos e procurar proteção, tanto em casa quanto na rua); e e) *patrimônio, parentesco e individualização* (a criação de uma autonomia e individualização, na qual os patrimônios materiais e imateriais produzem afastamentos e reconstruções de laços estreitos de parentesco de acordo com as condições valorizadas pelo sujeito).

As migrantes internacionais estudadas aqui, na ocasião de dirigirem-se para o estrangeiro, já tinham passado por redefinições residenciais importantes, ampliando as suas opções de casas de referência. A ida para o estrangeiro implicou mais numa nova significação da casa de referência de que num ofuscamento dela. Duas já experimentaram a vida de casada antes de migrarem, e as outras duas associaram mais proximamente a ida ao estrangeiro com o encontro de um marido.

Lea reforçou a sua adesão à casa formada com o seu marido, trocando o forte apoio da casa materna no Recife pelo apoio da casa dos sogros em Portugal, resultando na continuação de uma procura difícil de autonomia do casal jovem com três filhas. A dependência em relação ao apoio residencial dos pais, em ambos os locais, ocasionou conflitos que revelaram a fragilidade da capacidade de ganho dela e do marido para estabelecer uma casa aparte.

Maria, ao passar por alguns anos numa trajetória de separações e reaproximações com o seu marido, no Recife, havia se separado de vez e formado uma estratégia de oscilação residencial dos seus filhos, ora com ela, na casa que ficou sob o seu controle com a separação, ora na casa dos sogros. Na ida para Espanha, ela viu e promoveu uma intensificação da aproximação dos filhos adolescentes e pré-adolescentes com a sua sogra. A única filha que tentou viver com mãe na Espanha estranhou os costumes, a comida e o padrao espanhol, resultando no seu retorno para viver com a avô (a sogra de Maria) no Recife.

As duas que ainda não haviam passado pela vida de casadas com residência independente, incluem Lea e Samantha. Lea, bastante jovem, foi chamada pela sua irmã (que na Alemanha tinha se casado, se separado e casado de novo) para viajar “para aprender a língua”, mesmo que a finalidade, supostamente secundária, de achar um emprego, um marido ou ambos não passassem despercebida da sua irmã, com quem vivia no Recife, já que os pais haviam falecido. Morar com uma irmã ou outra não significava grande mudança na casa de referência, contando sempre com a solidariedade sororal, mesmo diante do estranhamento da irmã recifense quanto à intolerância alemã em abrigar na sua residência algum parente da irmã (ou qualquer outra pessoa) que não trabalhava. Lea terminou achando um marido alemão também. Já a experiência de Samantha, na sua ida para a Suíça, foi bem diferente, porque ela havia recebido o apoio de uma rede muito estreita estabelecida entre irmãos, tendo sido criada com a tia no Recife, por todos acharem que Recife oferecia mais oportunidades para estudo que o sítio de referência, onde os avós e os pais dela permaneciam. Mais tarde, foi chamada para morar com o tio em Brasília, que ofereciam a ela condições para melhorar sua dedicação aos estudos, terminando o curso superior e, depois, viajando para acompanhar e ajudar a sua prima, filha deste mesmo tio, na sua ida para Austrália. O namoro com um italiano que residia na Suíça, que estava de viagem, resultou numa proposta de casamento que toda a rede de parentesco julgou uma oportunidade bastante inusitada para “a sobrinha” de todos. Então, ela se casou e foi morar na Suíça, num apartamento próximo aos pais do seu marido.

A dedicação das migrantes a atividades costumeiramente atribuídas preferencialmente a mulheres, como já se viu nos relatos sobre articulação feminina, são detalhes que as informantes de meia idade ressaltam, independente da sua distância na rede de parentesco, valorizando (ou questionando) a capacidade das jovens de dar conta do que se espera de filhas e de esposas, ao mesmo tempo em que elas mesmas oferecem um retrato elogioso das mães ou

das figuras maternas (ou seja, as mulheres que ocupam a mesma relação geracional delas com as migrantes) que fazem sacrifícios *tipicamente femininos*, possibilitando uma migração com sucesso, mesmo diante de quadros em que as culturas nos locais de destino sejam estranhadas por elas. Desta forma, elas ressaltam a operação da rede de parentesco e subsumem legislações sobre obrigações e direitos públicos e nacionais à lógica das relações entre as pessoas.

A continuação do estudo e da capacitação apareceu somente no caso de Ruth, mas nada no relato do tempo passado no estrangeiro sugere que este aspecto tenha tomado a dianteira na avaliação da sua mãe e da sua tia do aproveitamento da vida na Alemanha. As menções de sucesso no trabalho das mulheres migrantes no estrangeiro também são esparsas. Onde este discurso é mais presente é no realce à capacidade de ganho de Maria, justamente por ela arcar com uma responsabilidade conjunta, com o pai dos filhos, para sustentar os filhos que ficaram com a avó no Brasil, mesmo diante da sua condição de casada com espanhol. Os sacrifícios de Lea para criar os filhos, a desobrigação de Ruth, que conseguiu arrumar um marido, e a continuidade de dificuldades de Samantha, que perdeu um emprego numa fábrica em razão da crise, refletem-se no fato de haver muita pouca cobrança de participação material em redes, sendo valorizada mais a comunicação constante que a internet e os serviços de telefonia barata oferecem a todas no constante reforço à rede de parentesco. A contraposição deste discurso está nas referências aos homens que migraram ou que receberam as migrantes, cuja busca quase sempre é relatado pelas informantes das genealogias como uma procura dos homens por fontes de renda ou de ascensão no emprego.

É interessante que não haja nenhuma referência à saída do país por causa do ambiente de violência, mais a insegurança sendo gerada pela questão estrutural de falta de oportunidades de trabalho. Não é nem uma busca de segurança física, nem uma busca de oportunidades de lazer que são realçadas, com a interessante exceção de Samantha. A sua história de precariedade escolar, instabilidade residencial e dependência já fragilizavam a sua imagem na rede de parentesco, e a tia, informante sobre a migração dela, chamou atenção para o fato de que Samantha relata muito pouco sobre o cotidiano dela na sua comunicação com quem ficou no Brasil, preferindo contar os momentos prazerosos de viagens para Portugal, Grécia e outros locais. Isto é interpretado como uma astúcia de Samantha para não ter que contar sobre o que deve ser uma vida difícil na Europa pela pouca capacitação dela e do marido.

A flexibilidade, a resistência e a astúcia na construção de redes, direitos e obrigações que atravessam fronteiras

Quando se atravessa uma fronteira nacional, é-se sujeito à legislação em torno de políticas de migração válidas para cada país. É interessante notar, como foi observado em outro local (SCOTT, 2007), que, na Comunidade Européia, mesmo em clima de intensificação da obstacularização da migração internacional, a maior brecha para permitir novas migrações recai na lógica de reunificação familiar, entendida como ação humanitária que precisa ser respeitada acima das considerações políticas e econômicas das consequências do influxo de migrantes para cada país da Comunidade. Manter vivas as redes de parentesco se configura como espaço de resistência e astúcia que permite enxergar as migrações do ponto de vista de redes sociais de pessoas proximamente relacionadas.

Ouvindo as informantes sobre as suas redes de parentesco, chama atenção, mesmo quando as práticas culturais nos países de recepção são questionadas, uma espécie de cumplicidade entre as hierarquias de geração e de identidade nacional nos estranhamentos produzidos, especialmente no sentido da compreensão da importância do disciplinamento que traz com ele uma certa arrogância adquirida na experiência fora do país.

A pouca receptividade do alemão para a ideia de oferecer corresponsabilidade a quem não trabalha é criticada severamente pelas familiares de Ruth no Brasil, mas reconhecem nisso um caminho para o encontro de maneiras de os jovens sustentarem-se a si mesmos. A avó critica o modo de ser alemão, que ela caracteriza como grossa e seca, localizando o início da sua ojeriza muito mais na história da Segunda Guerra, mas que a presença de parentes no país não transformou. Fica perturbada com o “nariz arrebitado” das duas migrantes que estão na Alemanha.

De forma semelhante, o problema de estigmatização das filhas de Lea, por serem brasileiras nas escolas portuguesas rapidamente é contraposto à lembrança de imagem alegre e gregária que facilita a formação de redes de amizade no novo país, criando uma brecha para os brasileiros que sabem driblar a estigma. O aprendizado de polidez, de etiqueta, de higiene e de adoção de costumes alimentares e outras regras de convivências mais rígidas em Portugal são relatados com um ar de orgulho quanto à capacidade das sobrinhas da informante em poderem aproveitar o que a Europa tem a oferecer. A parte dolorosa, para Lea, foi que o caminho deste

aprendizado foi via a necessidade de ter que conviver com a sogra por um bom tempo antes de passar para um apartamento próprio.

A própria Maria, numa migração que a sogra entende como uma *louca mudança* de uma mãe muito liberal e com *pouco pulso*, terminou se conformando a um regime de trabalho e de apresentação pública que mal poderia ocorrer se continuasse no Brasil. Adicionalmente, a comida estranha na Espanha (apenas o camarão prestava, mas enjoava) e as regras estritas de um padrasto levaram ao fracasso de uma tentativa de reaproximar Maria e a filha, alavancando a importância da sua sogra brasileira na continuidade da educação e cuidado dos filhos no Brasil, e ela o faz de uma forma que, mesmo contrariada pela ausência, valoriza o esforço da mãe na Espanha para conseguir contribuir para a sua educação, e, talvez abrir o caminho para outro dos filhos tentar a vida junto à mãe.

A sempre trabalhosa Samantha descobriu uma regimentação cotidiana que permitiu a sua transição para uma pessoa que se autossustenta, mesmo que dependa do apoio de parentes para poder fazer as viagens de férias para renovação da sua participação nas estreitas relações entre os seus parentes centrados no Recife.

A brasilidade recriada no estrangeiro é intensificada pelo seu contraste com as culturas nos países de destino. A continuidade das redes de parentesco depende da astúcia das gerações mais velhas em atribuir significados às experiências internacionais que possam simultaneamente mostrar que o apoio material e simbólico das gerações mais velhas é de importância fundamental, e reconhecer na estranheza das outras culturas um desafio para autonomização bem enfrentado pelas gerações mais novas que se aventuraram em busca de vidas melhores, trabalhando, casando e, sobretudo, mantendo contato, mesmo tendo que lidar com as arrogâncias das gerações mais novas exacerbadas pela experiência na Europa.

É por ter ou por formar família que se pode legitimar uma incursão numa migração internacional que faça com que as barreiras legislativas possam ser desafiadas. Parentesco, legislação e costumes todos são disciplinadores, e a articulação deste conjunto de hierarquias parece ser um fator que contribui para haver uma continuidade de fluxos e rearticula constantemente as redes de parentes, mantendo uma sociabilidade transformada pela distância, mas fundamental para resistir à perda de identidade de origem dos migrantes e ao corte de oportunidades para outros integrantes da rede.

Mostra-se que as migrações também enfrentam um dilema de redefinição de relações hierárquicas entre gerações, em que a mobilidade ressignifica o papel dos jovens na rede. Os jovens, em mobilidade, redefinem os seus papéis dentro da família, procurando a construção de sua autonomia e responsabilidade em viver longe da família sem deixar de ser um membro desta, estabelecendo novas casas de referência. Emocional e/ou financeiramente, forja-se uma nova configuração de poder na relação entre as gerações. A condição de estar espacialmente distante da família torna possível um questionamento da tradição, que facilita a redefinição, mais uma vez, do poder e das posições estabelecidas dentro da família. Isso, mais do que a legislação do país, é o terreno de significações que perduram sobre as migrações.

Considerações Finais

Não se tiram conclusões de quatro casos, mas certamente abrem-se possibilidades de interpretação que podem ser resumidas em algumas interrogações provocadas pelo debruçar-se sobre quatro casos de mulheres em migração internacional, algumas já tendo respaldo em outros estudos realizados.

Primeiro, será que o fluxo feminino para Europa será uma maneira das mulheres europeias se dedicarem ao mercado de trabalho enquanto as imigrantes realizam tarefas que elas não fazem mais e fornecem relações afetivas que agradem aos homens europeus? Ou seja, as articulações femininas que evidenciam uma inusitada participação feminina em migrações de grandes distâncias pode ser uma maneira de subordinar as mulheres a relações de gênero, de classe e de *etno-nacionalidade* cujos benefícios construídos podem implicar transformações menores do que parece à primeira vista. Interpretadas com cuidado, tais migrações femininas observadas nas redes investigadas pela equipe de pesquisa tratam-se, maciçamente, de reforços à patrilocalidade com participação e adesão de mulheres articuladas ativamente em segurar oportunidades para casamentos com homens da Europa, bem como para assegurar o envolvimento de mulheres do lado paterno no cuidado dos filhos.

Segundo, se a tensão entre gerações tem raízes históricas profundas, e a internacionalização da mobilidade interfere na super valorização de áreas de destino, é importante que se esmiúce as modificações nas relações entre as gerações que ocorrem com muito mais complexidade quando são compreendidas como fazendo parte de redes de

sociabilidade e de parentesco transnacionais. Estas redes são mecanismos importantes para o emprego de resistência e de astúcia no confronto de legislações que, mesmo deixando brechas que reconhecem a sua importância, ainda trabalham muito precariamente sobre as suas implicações para um mundo em movimento. Vendo pela perspectiva de sujeitas inseridas numa sociabilidade relacional que reporta a intimidade descoberta quando se fala sobre genealogias, é possível entender que, com estas lógicas é possível gerar liberdades e identidades de migrantes que vão além das restrições e permissões legais internacionais, fazendo com que esta sociabilidade, não seja tão subordinada à política e à economia, mesmo sendo sensível a elas. Essa afetividade forjada em conflitos e solidariedades, ainda consegue ser um instrumento político para construir obrigações, direitos e lealdades realizando uma rearticulação entre as intimidades de sociabilidade entre parentes e as estruturas sociopolíticas contextuais.

Referências

ANTHIAS, Floya. Metaphors of Home: Gendering recent migrations to Southern Europe. In: ANTHIAS, Floya; LIZARDIS, Gabriella. **Gender and Migration in Southern Europe: Women on the Move**. Oxford: Berg, 2000. p. 15-49.

ARANGO, Joaquim. Las migraciones internacionales en un mundo globalizado. **Vanguardia dossier: inmigrantes, el continente móvil**, Madri, n. 22, jan./mar. 2007.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. “De Criciúma para o mundo” – Os Novos Fluxos da População Brasileira: Gênero e Rearranjos Familiares. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (org.). **Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, Gênero e Redes Sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 199-230.

BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BARNARD, Alan; GOOD, Anthony. **Research Practices in the Study of Kinship**. London: Academic Press, 1984.

CADERNOS PAGU, Gênero no mercado de sexo, Campinas, v. 25, n. 3, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000200001&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 ago. 2015.

CADERNOS PAGU, Gênero no Tráfico de Pessoas, Campinas, v. 31, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-833320080002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 ago. 2015.

CADERNOS OBMIGRA, Migrações e mobilidade na América do Sul, v. 1, n. 3, 2015.

CASTRO, Mary Garcia (coord.). **Migrações Internacionais: Contribuições Para Políticas**. Brasília: CNPD, 2001.

DALSGAARD, Anne Line; FRANCH, Monica; SCOTT, Parry. Dominant Ideas, Uncertain Lives: The Meaning of Youth in Recife. In: HANSEN, et al. **Youth and the City in the Global South**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2008. p. 49-73.

DURHAM, Eunice R. **A caminho da Cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FONSECA, Claudia. Apresentação - De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cadernos Pagu** - Repensando relações familiares, Campinas, n. 29, p. 9-35, jul./dez. 2007.

FRANCH, Mónica. **Tempos, Contratempos e Passatempos: um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife**. 2008. 298 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FUSCO, Wilson. Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos. In: CASTRO, Mary Garcia (coord.). **Migrações Internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001. p. 427-445.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: lazer e cultura popular na cidade**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (org.). **Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, Gênero e Redes Sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MÜLLER, Elaine. **A transição é a vida inteira: uma etnografia sobre os sentidos e a assunção da adultez**. 2008. 284 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

PINA CABRAL, João de. **O Homem na Família: cinco ensaios de antropologia social**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

PISCITELLI, Adriana. Entre “máfias” e a “ajuda”: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas. **Cadernos Pagu**, Trânsitos, Campinas, v. 31, p. 29-63, jul./dez. 2008.

SCOTT, Parry. Família, gênero e poder no Brasil do século XX. **BIB**, Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 29-78, 2004.

_____. A Receptividade à Família espanhola e a receptividade a migrantes brasileiros. In: ENCONTRO NACIONAL DE MIGRAÇÕES, V., Campinas, 2007. **Anais...**, Campinas: ABEP-NEPO, 2007 (Cd-rom).

SCOTT, Parry; FRANCH, Mónica. Jovens, Moradia e Reprodução Social: Processos domésticos e espaciais na aquisição de habilidades e conhecimentos. **Estudos de Sociologia**, Pernambuco, v. 7, n. 1-2, p. 95-125, 2005 (2001).

TAVARES, Mauricio Antunes. **Caminhos Cruzados, Trajetórias Entrelaçadas**: jovens entre o campo e a cidade no sertão de Pernambuco. 2009. 350 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

THERBORN, Goran. **Sexo e Poder**: as famílias no mundo 1900-2000. Tradução de Elisabete Dória Bilac. São Paulo: Contexto, 2006.